



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8670976>

Artigo Original

Ginástica para Todos(as) em diálogo com professoras de creche

Gymnastics for All in dialogue with nursery teachers

Gimnasia para Todos(as) en diálogo con maestras de guardería

Michelle Guidi Gargantini Presta ¹ 

Eliana Ayoub ² 

RESUMO

Objetivo: Este artigo é oriundo de uma pesquisa de doutorado que objetivou refletir a respeito da ginástica para todos(as) (GPT) na educação infantil, a partir de uma proposta de formação continuada em GPT desenvolvida com um grupo de professoras de creche do município de Monte Mor-SP. Como parte da investigação, oferecemos um curso de 30 horas, de abril a setembro de 2018, intitulado “Novas possibilidades de práticas corporais: ginástica para todos(as) na creche”, no contexto da política de formação continuada do município. **Método:** Quanto ao percurso metodológico da pesquisa, adotamos a perspectiva da pesquisa narrativa e o método interpretativo do paradigma indiciário para análise dos dados/achados. As formas de registros utilizadas foram: diário de campo da pesquisadora, caderno de registro individual de cada participante, escrita de cartas, imagens (fotografias e vídeos) e gravação em vídeo da roda de conversa final. **Resultados e discussão:** A partir da análise do processo vivido e dos registros, elegemos três pontos para diálogo: o que as professoras desejam e necessitam na formação continuada; pensar a prática docente como reverberação do curso; e percepções acerca do gesto, do corpo e da GPT na creche. **Conclusão:** Concluímos que conhecer e vivenciar a GPT proporcionou a construção de novos olhares para a gestualidade, para o próprio corpo e para pensar em possibilidades de desenvolvimento dessa prática corporal no contexto da creche. Almejamos que novas pesquisas envolvendo a GPT e a educação infantil sejam realizadas, a fim de que essa temática se fortaleça e alcance novos caminhos.

Palavras-chave: Ginástica. Educação infantil. Creches. Educação Continuada.

¹ Prefeitura Municipal de Monte Mor-SP. Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação - Laborarte da FE/Unicamp. Grupo de Pesquisa em Ginástica - GPG da FEF/Unicamp, Campinas - SP, Brasil.

² Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação - Laborarte da FE/Unicamp. Grupo de Pesquisa em Ginástica - GPG da FEF/Unicamp, Campinas - SP, Brasil.

Correspondência:

Michelle Guidi Gargantini Presta, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo, Rua Dr. Carlos de Campos, 131, Centro, Monte Mor-SP, CEP 13190-047. Email: mipresta@hotmail.com



ABSTRACT

Objective: This article is related a doctoral research that aimed to reflect on gymnastics for all (GPT) in early childhood education, based on a proposal for continuing education in GPT developed with a group of nursery teachers from the municipality of Monte Mor -SP. As part of the investigation, we offer a 30-hour course, from April to September 2018, entitled "New possibilities for corporal practices: gymnastics for all at nursery", in the context of the municipality's continuing education policy. **Methods:** Regarding the methodological path, we adopted the perspective of narrative research and the interpretative method of the inductive paradigm for data/findings analysis. The forms of records used were: the researcher's field diary, each participant's registration book, writing letters, images (photos and videos) and video recording of the final conversation wheel. **Results and discussion:** From the analysis of the process lived and the records, we have called three points for dialogue: what the teachers want and need in continuing education; think of teaching practice as a reverberation of the course; and perceptions about gesture, the body and the GPT in nursery. **Conclusion:** We conclude that knowing and experiencing the GPT provided the construction of new perspectives for gestuality, for one's own body and to think about development possibilities of this corporal practice in the context of the nursery. We hope that new researches involving GPT and early childhood education will be carried out, so that this theme is strengthened and reaches new paths.

Keywords: Gymnastics. Child Rearing. Child Day Care Centers. Education, Continuing.

RESUMEN

Objetivo: Este artículo proviene de una investigación de doctorado que tuvo como objetivo reflexionar sobre la gimnasia para todos(as) (GPT) en la educación infantil, a partir de una propuesta de educación continua en GPT desarrollada con un grupo de maestras de guardería del municipio de Monte Mor-SP. Como parte de la investigación, ofrecimos un curso de 30 horas, de abril a septiembre de 2018, titulado "Nuevas posibilidades para las prácticas corporales: gimnasia para todos(as) en la guardería", en el marco de la política de educación continua del municipio. **Método:** En cuanto a la metodología, adoptamos la perspectiva de investigación narrativa y el método interpretativo del paradigma inductivo para análisis de los datos. Las formas de registro utilizadas fueron: diario de campo del investigador, libro de registro individual de cada participante, escritura de cartas, imágenes (fotografías y videos) y grabación en video del círculo de conversación final. **Resultados y discusión:** A partir del análisis del proceso vivido y de los registros, escogimos tres puntos para el diálogo: lo que las maestras quieren y necesitan en la educación continua; pensar en la práctica docente como una reverberación del curso; y percepciones sobre gesto, cuerpo y GPT en la guardería. **Conclusión:** Concluimos que conocer y experimentar la GPT proporcionó la construcción de nuevas perspectivas para los gestos, para el propio cuerpo y para pensar en las posibilidades de desarrollo de esta práctica corporal en el contexto de la guardería. Esperamos que se realicen nuevas investigaciones que involucren GPT y educación infantil, para que este tema alcance nuevos caminos.

Palabras Clave: Gimnasia. Educación infantil. Guarderías Infantiles. Educación Continua.

PALAVRAS INICIAIS

Este artigo é oriundo de uma pesquisa de doutorado (PRESTA, 2022) que teve como objetivo refletir a respeito da ginástica para todos(as) (GPT) na educação infantil, a partir de uma proposta de formação continuada em GPT desenvolvida com um grupo de professoras de creche do município de Monte Mor-SP. Como parte da investigação, oferecemos um curso de 30 horas, de abril a setembro de 2018 (totalizando dez encontros), intitulado “Novas possibilidades de práticas corporais: ginástica para todos(as) na creche”, no contexto da política de formação continuada do município.

O curso foi aprovado pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo e recebemos 64 inscrições das professoras de creche. No entanto, tivemos 37 pessoas presentes no primeiro encontro e finalizamos a formação com 23 participantes. O seu objetivo primordial consistiu em estabelecer diálogos com as professoras de creche a respeito da ginástica para todos(as), por meio do desenvolvimento de práticas corporais que valorizassem a expressão corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992). As vivências de ginástica para todos(as) foram realizadas com base na proposta de GPT do Grupo Ginástico Unicamp (GGU) (PAOLIELLO *et al.*, 2014; GRANER, PAOLIELLO, BORTOLETO, 2017; AYOUB, 2003, 2021), envolvendo elementos gímnicos, atividades rítmicas, jogos e brincadeiras, exploração de diferentes materiais e processos coletivos de criação.³

Toda a pesquisa, e não somente o curso, esteve fundamentada na proposta de ginástica para todos(as) do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), em diálogo com outras(os) autoras(es) que se apoiam nessa proposta. De acordo com Graner, Paoliello e Bortoleto (2017, p. 175),

Todo trabalho corporal do grupo [GGU] parte da ginástica, que é considerada a essência dessa prática. Com base nela, a GPT configura-se abrindo um leque de possibilidades e acenando com a liberdade na escolha dos temas da cultura corporal, que compõem o patrimônio cultural da humanidade e que, portanto, podem ser acessados ou utilizados da forma que melhor se ajuste aos interesses e características do grupo.

Em continuidade, as reflexões desenvolvidas por Ayoub (2003, 2021) também se baseiam na proposta de GPT do GGU e se constitui numa referência para este trabalho, já que apresenta uma compreensão da GPT no contexto escolar. Portanto, consideramos a ginástica para todos(as) como uma prática corporal que abre possibilidades para um amplo trabalho com a ginástica na escola em diálogo com diferentes temas da cultura corporal, conforme afirma Ayoub (2003, p. 68):

³ O detalhamento das atividades realizadas pode ser conhecido em Presta (2022) e em Presta e Ayoub (2022).

[...] devido à sua amplitude e diversidade, a GG engloba atividades no campo da ginástica, dança e jogos e não tem regras rígidas preestabelecidas. Dessa forma, a ginástica geral abre um leque imenso de possibilidades para a prática de atividade corporal, uma vez que não determina limites em relação à idade, gênero, número e condição física ou técnica de participantes, tipo de material, música ou vestuário, favorecendo a participação e proporcionando uma ampla criatividade.

Apoiadas nessa concepção de GPT, desenvolvemos os dez encontros do curso de formação, buscando tornar esses momentos leves, para se conhecer, conhecer o outro e conhecer a ginástica para todos(as). Não um encontro casual, desprezioso, mas um encontro marcado, esperado, almejado, um encontro de mundos, aberto a novas possibilidades, a mudanças de olhares, a conquistas etc. Encontros que, por meio de vivências corporais, imagens e discussões, puderam nos levar a experimentar a potência do corpo e a refletir a respeito dos diálogos que um curso de formação continuada em GPT pode possibilitar.

Desse modo, fomos buscando construir uma ginástica para todos(as) com elas e para elas. Ressaltamos, ainda, que a inclusão de "as" na terminologia ginástica para todos(as) vem sendo defendida por Ayoub (2021), sobretudo por conta dos trabalhos realizados majoritariamente com mulheres, como é o nosso caso.

Quanto ao percurso metodológico, adotamos a perspectiva da pesquisa narrativa apresentada por Clandinin e Connelly (2015) e o método interpretativo do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), para buscar indícios, sinais e vestígios do que as professoras trouxeram nos diálogos durante o curso (tanto nos encontros como nos seus registros escritos).⁴

Os dados/achados da investigação foram produzidos por meio de diferentes formas de registro: diário de campo da pesquisadora, caderno de registro individual de cada participante, escrita de cartas,⁵ imagens (fotografias e vídeos) e gravação em vídeo da roda de conversa final.⁶

Os escritos das professoras entrarão neste texto da pesquisa de maneira entrelaçada aos nossos escritos, compondo o cenário da pesquisa de campo, o seu desenrolar e os diversos sentidos produzidos nesse processo de formação e

⁴ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da universidade e as informações serão inseridas posteriormente caso o artigo seja aprovado para publicação. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁵ Inspiradas no trabalho com cartas desenvolvido por Ayoub (2021), solicitamos às professoras que escrevessem duas cartas: carta 1 - sobre as expectativas em relação à formação - "O que te trouxe aqui?" (foi escrita logo no primeiro encontro); e carta 2 - sobre as memórias das brincadeiras na infância. Nosso objetivo foi o de nos aproximarmos de seus anseios em relação ao curso e de conhecermos uma pequena parte de suas experiências com o brincar.

⁶ Os registros das professoras que serão compartilhados neste texto, quando necessário, passaram por um processo de correção ortográfica e/ou gramatical. Salientamos que a roda de conversa final foi transcrita para que pudéssemos ter um acesso mais cuidadoso às falas das professoras.

investigação. Nossa intenção foi a de valorizar as experiências vividas juntas, as quais foram narradas pelas professoras em seus cadernos de registro e no diário de campo da pesquisadora, em consonância com o que afirmam Clandinin e Connelly (2015, p. 174):

Em nosso trabalho mantemos em primeiro plano a nossa visão de escrita narrativa da experiência com as narrativas de experiência dos participantes e pesquisadores, situadas e vividas nas paisagens historiadas, como nosso arcabouço teórico-metodológico.

Um arcabouço que toma as narrativas como importantes e como produção de conhecimento compartilhado. E, portanto, concordamos com Freire (1993, p. 68) quando afirma que “[...] registrar não se esgota no puro ato de fixar com pormenores o observado tal qual para nós se deu. Significa também arriscar-nos a fazer observações críticas e avaliativas a que não devemos contudo, emprestar ares de certeza”. Essa ideia perpassa toda a investigação, enfatizando que não temos a pretensão de produzir certezas, mas sim de trazer discussões acerca da GPT na creche tomando como centro de nossas reflexões as experiências e os compartilhamentos vividos ao longo do curso de formação.

Seguimos nossa caminhada de formação continuada com as professoras de creche, intencionando que elas pudessem experimentar diferentes possibilidades corporais, sem uma preocupação “aplicacionista” de levar essas propostas diretamente para as crianças. Desse modo, fomos buscando construir uma ginástica para todos(as) com elas e para elas, como mencionamos anteriormente.

A partir da análise do processo vivido e dos registros, elegemos três pontos para diálogo que serão discutidos no próximo tópico.

NARRATIVAS EM ACONTECIMENTO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Nesse momento das narrativas em acontecimento, elegemos algumas temáticas que emergiram durante o processo vivido juntamente com as professoras, bem como na leitura atenta dos cadernos de registro e das cartas escritas por elas. Tais temáticas nos impulsionam a reflexões que estão sendo enunciadas como **diálogos possíveis**.

Escolhemos, dentre tantas possibilidades, os seguintes diálogos: o que as professoras desejam e necessitam na formação continuada; pensar a prática docente como reverberação do curso; percepções acerca do gesto, do corpo e da GPT na creche.

Passamos, então, à nossa narrativa em torno dos **diálogos possíveis** e enfatizamos que as vozes das professoras compõem nossa narrativa de pesquisa

e aparecerão no texto destacadas em itálico.⁷

No que se refere ao primeiro **diálogo possível – o que as professoras desejam e necessitam na formação continuada** -, ponderamos que existe uma prevalência da área do corpo, gesto e movimento nas intenções por formação continuada apontadas pelas professoras, em decorrência do que elas necessitam na prática docente. A professora Maricruz contou-nos: *vim participar deste curso à procura de novas experiências, que possam ajudar com a turma da minha sala e trocar experiências com as colegas que também estão participando* (carta 1). A GPT foi uma temática nova para a maioria das professoras, sendo pontuado pela professora Rose que se matriculou no curso pois desejava buscar outras experiências: *algo diferente para melhorar minha vida, aprofundar alguns conhecimentos e adquirir outros* (carta 1). Do mesmo modo, a professora Kelly relatou o seguinte: *buscava agregar mais conhecimento, porque a gente sempre precisa estar se atualizando, não pode ficar na mesma, então eu vim para agregar conhecimento, conhecer novas possibilidades* (roda de conversa final). O desejo por novos conhecimentos foi algo que apareceu de maneira bem marcante nas escritas e falas das professoras.

Nos últimos seis anos, o município tem disponibilizado dois formatos de formação continuada: em horário de serviço sem certificado; e fora do horário de serviço com certificação de 30 horas. Consideramos relevante salientar que seria importante a rede municipal pensar numa política de formação continuada que pudesse acolher outras professoras que não conseguiram vencer essas e outras dificuldades, proporcionando formações durante a jornada de trabalho e com certificação, com o objetivo de alcançar uma quantidade maior de participantes.

Em diversos registros, as professoras apontaram como foi algo desafiador participar de práticas corporais após um dia intenso de trabalho, o que as levou muitas vezes a pensarem em desistir. Em relação ao curso como plano de carreira, a professora Dani escreveu: *faço os cursos por obrigação, para obter a pontuação* (caderno de registro). Ao final, ela pontuou que, dessa vez, algo a fez pensar e repensar sobre isso. Interessante notar que, em alguns casos como o da professora Dani, não foi somente a pontuação que as mobilizou a continuar na formação, mas igualmente os aprendizados vividos pelas professoras durante as experiências com a GPT.

Alguns dizeres das professoras ao longo dos encontros, principalmente nos primeiros, frequentemente eram sobre dores no corpo após as práticas corporais. Nessas falas, podemos encontrar indícios de um enfrentamento dos desafios com o seu próprio corpo que, em determinados momentos, poderia ser um empecilho para continuar na formação. Porém, na proposta de GPT em que nos apoiamos, existe um espaço privilegiado para a singularidade dos corpos, dos sujeitos. Era

⁷ Para preservar a identidade das participantes, solicitamos que escolhessem um nome fictício.

o corpo sentindo o novo e, com o passar dos dias, essas dores foram diminuindo, mostrando a elas que era possível praticar GPT, se assim desejassem. Alguns relatos mostraram que após participarem do curso decidiram voltar a fazer caminhadas, por exemplo, prática esquecida há anos.

Outro aspecto a ser destacado é que o trabalho com o corpo ainda é uma barreira para as professoras, tanto em relação ao corpo delas como ao das crianças. A vergonha durante o curso foi marcante, ora de maneira mais intensa e explícita, como no dia em que propusemos a realização de elementos da ginástica artística (por exemplo: rolamentos), ora de maneira mais implícita, como na vivência com caixas de papelão, envolvendo exploração gestual diversificada com esse material. Acreditamos que isso se reflete também no trabalho com as crianças, pois, em alguns registros, as professoras apresentaram certa insegurança para propor práticas corporais às crianças, com receio de que elas se machucassem.

Constatamos nesse ponto uma lacuna na formação inicial dessas docentes, que ainda se sentem muito inseguras para trabalhar com as práticas relacionadas ao corpo na escola. Assis (2019) traz reflexões relacionadas a essa temática em sua pesquisa com docentes de instituições públicas que oferecem disciplinas relacionadas ao corpo no curso de pedagogia. A autora conclui que:

Embora os currículos investigados apresentem disciplinas relacionadas ao corpo e às práticas corporais, parece-me que o espaço ainda é pouco valorizado nas disputas que envolvem a hierarquia dos conhecimentos, não estimando tanto aquelas áreas relacionadas às temáticas que envolvem o corpo e as práticas corporais, incluindo a dimensão do fazer corporal. Isso pode ser corroborado com o anseio dos/as próprios/as docentes em oferecer disciplinas eletivas de forma a ampliar a abordagem desses temas. (ASSIS, 2019, p. 50).

Apareceram nas falas das professoras, durante os encontros e em seus cadernos de registro, as marcas inscritas nos seus corpos, por exemplo por meio de comentários como vergonha de fazer errado devido a traumas nas aulas de educação física na escola. A professora Iara mencionou: *nunca fui adepta de atividades por traumas na escola em aulas de Educação Física, onde só se usavam bolas, e essas vinham direto na minha cabeça* (caderno de registro). Outro aspecto presente nos enunciados das professoras diz respeito a não ter habilidade para a prática de atividades corporais e/ou ter falta de coordenação. Essas são algumas das temáticas abordadas no estudo de Ayoub (2021) acerca das memórias da educação física na escola, realizado com professoras da educação infantil e ensino fundamental I. Em momentos oportunos, conversamos sobre essas questões e elas puderam refletir sobre esses assuntos, trocar experiências, observar em si mesmas e nas colegas que a ideia de “certo” e “errado” não estava sendo valorizada na nossa proposta de trabalho, mas sim que havia um incentivo à pluralidade de gestos, cujos sentidos e significados

poderiam ser diferentes para cada participante. Tal proposta é defendida igualmente por Ayoub (2008, p. 52), quando se refere ao trabalho com a GPT no curso de pedagogia.

Defendemos, portanto, um trabalho com a Ginástica Geral⁸ por meio do qual ninguém precise ser "café-com-leite", pois todos os seus participantes, com seus corpos singulares, deverão ser incluídos no processo, respeitados e valorizados em suas diferenças e peculiaridades.

Significativo evidenciar que, apesar das dificuldades, as professoras foram vencendo a vergonha, o cansaço e as dores no corpo e se entregando de maneira intensa às atividades com o passar dos dias, como ocorreu durante o processo criativo com as caixas de papelão em que tiveram uma participação bem intensa. Essa diminuição das dores no corpo e a desenvoltura para participar das propostas de GPT mostrou às professoras que elas podem praticar tais atividades sem se preocupar com o conceito de ter ou não "habilidade". Na aula de malabarismo por exemplo, notamos que algo que poderia parecer uma falta de coordenação foi sanado com a presença das brincadeiras e dos materiais alternativos, propiciando um grande envolvimento das professoras nas atividades.

O processo vivido nos traz indícios da necessidade de pensarmos sobre as formações oferecidas às professoras de creche, e reafirma a importância de ouvi-las para que possamos entender o que elas precisam como docentes desse segmento. Processo esse que deve ser construído com elas, coletivamente, valorizando aquilo que é trazido da experiência docente, como defende Freire (1993, p. 41):

Pensar certo não é que-fazer de quem se isola, de quem se "aconchega" a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido mas co-participado.

E conforme aponta Campos (2014, p. 50), "Formar demanda contato, diálogo, participação, ação conjunta".

Portanto, ouvir suas vozes é algo fundamental na construção de políticas de formação continuada. Conhecer as realidades das escolas, condições de trabalho das professoras de creche, seus anseios e desejos ajudam-nos a perceber e entender o que elas querem como formação continuada e o mais importante, o que elas necessitam na prática docente. Ideia fortalecida com o apontamento de Nóvoa (2009, p. 17), ao dizer que há

⁸ Ginástica para todos é a nomenclatura designada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) em 2006 em substituição ao termo ginástica geral. Algumas autoras citadas neste artigo utilizam o termo ginástica geral.

[...] necessidade de construir políticas públicas que reforcem os professores, os seus saberes e os campos de atuação, que valorizem as culturas docentes, e que não transformem os professores numa profissão dominada pelos universitários, pelos peritos ou pela “indústria do ensino”.

Nesse sentido, é que enfatizamos a importância dessas questões serem consideradas para futuras formações no município e fora dele, já que algumas características podem se assemelhar a outras creches brasileiras.

Em relação ao segundo **diálogo possível - pensar a prática docente como reverberação do curso** -, salientamos que, na política de formação do município de Monte Mor, existe uma prática de que, ao final de cada módulo/curso com certificado, as professoras elenquem algo que julguem importante para “aplicar” na escola. Tal proposta está vinculada a avaliar coletivamente o que foi significativo durante o curso, uma vez que, após desenvolver as atividades realizadas nas formações com as crianças, comumente são feitos momentos avaliativos da prática docente. Nesse curso, decidimos que essa dimensão da “aplicabilidade” das formações não deveria estar no centro da nossa proposta.

Portanto, realizar as vivências na escola não foi obrigatório para obtenção do certificado. Mesmo assim, fomos percebendo e acolhendo essas reverberações nas próprias manifestações das professoras ao longo dos encontros, o que para nós foi muito importante e valioso. Para algumas professoras, as atividades foram extremamente valiosas a ponto de quererem incluir algumas delas na rotina diária com as crianças, revelando que a vivência com a GPT experimentada no próprio corpo incentivou o desenvolvimento de propostas em sua prática docente. Nesse sentido, acreditamos que as professoras estiveram imersas no processo formativo, assim como aponta Toledo (2007, p. 113):

[...] não há como haver uma prática de formação do indivíduo autônomo na prática da GG, se este educador não estiver imerso e convencido da mesma, não só como uma prática educativa, mas como uma postura ética e filosófica, que permeia sua forma de ser e ver o mundo. Este é o tipo de proposta que somente “funciona” se internalizada, vivida e expressa pelo educador em cada uma das suas ações, durante a aula ou encontro, e também fora dela [...].

A professora Malu comentou que estava achando o formato do curso interessante, pois não havia a obrigatoriedade de fazer as atividades com as crianças e depois apresentar os registros do que foi feito (diário de campo da pesquisadora).

Esse é um comentário muito recorrente nos cursos de formação do município, a obrigatoriedade de planejar e propor às crianças na escola e depois apresentar, normalmente como forma de avaliação final. Não temos a intenção

de discutir com profundidade essa dinâmica, pois acreditamos que ela pode ser pertinente, uma vez que um dos objetivos da formação continuada é a prática docente. No entanto, especificamente em nossa proposta, tínhamos o objetivo de priorizar as experiências das próprias professoras com a GPT, encontrando indícios de como foi para elas vivenciar corporalmente essa prática gímnica.

A professora Aninha compartilhou conosco o seu desejo de participar de cursos nesse formato e mencionou o seguinte: *se as outras professoras tivessem conhecimento, a gente tinha um número bem maior, e muitas não fazem porque acham que vai ser sempre daquela forma e fica um pouco desgastante, só a gente sentar e escutar. Aqui a gente tinha muita liberdade, você sempre falava, não tem o certo, eu acho isso muito legal, porque daí foi me ajudando um pouquinho em relação à timidez, principalmente quando a gente tem que apresentar, fica bem melhor. Mas eu acho que contribuiu muito, parabéns, eu também aguardo o segundo módulo (roda de conversa final).*

Pensando no formato do curso, a professora Bel contou que *o curso foi prazeroso, não é aquele curso cansativo, cheio de teoria, teve muita dinâmica (roda de conversa final)*. Para nós, esse comentário gera inquietações, uma vez que não tivemos o objetivo de negar os conhecimentos “teóricos”; pelo contrário, ao longo dos encontros, percebemos que poderíamos ter ampliado as reflexões em torno da temática da GPT, relacionando de forma mais intensa a articulação entre prática e teoria. Imaginamos que o curso esteve cheio de teoria emaranhada com a prática, tal qual reflete Freire (1997, p. 43):

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Ponderamos que a não “aplicabilidade” das propostas na escola incentivou as professoras a fazerem suas próprias escolhas: algumas optaram por já realizar as atividades vividas com as crianças logo no dia seguinte ao nosso encontro; outras escolheram pensar melhor sobre as questões da GPT e sinalizaram que desejavam planejar em breve o desenvolvimento de alguma proposta na escola; e algumas manifestaram que, mesmo após a formação, ainda não se sentiam seguras para propor práticas gímnicas (por exemplo, o rolamento) para as crianças. Para cada uma, as vivências produziram sentidos e significados diversos.

No que concerne ao terceiro **diálogo possível - percepções acerca do gesto, do corpo e da GPT na creche** -, consideramos que esse curso de formação continuada em GPT possibilitou produzir conhecimentos e saberes que nos auxiliam a refletir sobre a ginástica para todos(as) na educação infantil como

um todo, considerando suas possibilidades como prática corporal em interlocução com as professoras de creche.

A professora Marilu, referindo-se às suas sensações corporais, afirmou: *no início foi muito difícil, pensei "O que nós estamos fazendo nesse curso?", por que eu sentia muitas dores no corpo, doía tudo depois. Teve uma vez que, no dia seguinte, eu estava quebrada, daí foi indo e as dores desapareceram* (roda de conversa final). Ela percebeu a dor após as práticas corporais, testemunhando um corpo muitas vezes sobrecarregado pelos afazeres da docência, sem tempo para se cuidar. E como relatou, após persistir, percebeu que as dores já não eram mais tão importantes, dando lugar ao prazer pela participação nas vivências.

A professora Ro, ao lembrar de experiências anteriores com o seu corpo, compartilhou conosco o seguinte: *quando eu vi que era ginástica para todos eu pensei "o que eu vou fazer lá"? Eu sou mais dura que pau de vassoura, não gosto de ginástica, não gosto dessas coisas, eu não sei fazer... Mas aqui eu aprendi muita coisa, foi muito legal, e eu passei muitas coisas para as minhas crianças* (roda de conversa final). Mesmo percebendo que tinha dificuldade, a professora se permitiu tentar e gostou, descobriu novas possibilidades, dialogou com o novo.

No decorrer do curso, fomos trabalhando com elas o que destaca Ayoub (2008, p. 51) em relação à GPT:

[...] se ela pretende estar aberta à participação de todos, se intenciona que o seu principal alvo de atenção seja a pessoa que a pratica, se suas metas fundamentais são promover a integração entre pessoas e grupos e estimular o interesse pela prática da Ginástica com prazer e criatividade, se não tem regras rígidas preestabelecidas, favorecendo a participação e proporcionando uma ampla inventividade, estou convencida de que a Ginástica Geral pode caracterizar-se como uma prática corporal potencialmente inclusiva, a qual tende a considerar e a incorporar as diferenças, com a possibilidade de enfrentar inúmeras dificuldades e preconceitos que rondam a inclusão.

Essas tensões pessoais foram aparecendo nos encontros, momentos de timidez, de cansaço, de incertezas em relação às propostas, conforme mencionamos no primeiro **diálogo possível**. A professora Má relatou: *eu não tinha vontade de vir, eu estava cansada, ficava no sofá e pensava, acho que eu não vou. Quando chegava aqui, mudava tudo, era aquela alegria, aquela interação, a gente trabalhava em grupos, fazia o que dava conforme o corpo, o limite do nosso corpo. Então, até eu tinha aquele problema da lombar, eu não vou conseguir fazer nada, não deu problema nenhum, eu fiz e eu me diverti, e eu também aproveitei bastante o curso* (roda de conversa final). Essa fala, à semelhança de outras, traz indícios de que a não obrigatoriedade em realizar as

atividades com as crianças proporcionou às professoras a possibilidade de experimentarem a GPT com inteireza, percebendo o seu próprio corpo e entregando-se por inteiro às diferentes possibilidades de expressão corporal.

O contexto formativo nos permitiu pensar sobre questões relacionadas a como as professoras viam o seu próprio corpo, como foi enunciado por exemplo por uma delas: um corpo como um “pau de vassoura”, com problemas na coluna lombar, com necessidade de vivenciar momentos de autocuidado etc. Possibilitou-nos, igualmente, acompanhá-las por caminhos que as conduziram de um lugar de incômodo ao experimentar o novo em direção ao prazer de perceber o próprio corpo e a gestualidade na prática da GPT.

Imprescindível lembrarmos e reafirmarmos que essas mulheres professoras expressaram as suas tensões pessoais relacionadas a sair de casa no período da noite para participar de uma formação profissional que não era obrigatória, muitas vezes tendo de justificar essa escolha aos(às) familiares. Além disso, ficou nítida a sobrecarga de trabalho que acompanhava essas mulheres que tinham de organizar uma série de afazeres domésticos antes e/ou depois de participar dos encontros. Ponderamos que se tivéssemos a participação de homens no curso, provavelmente teríamos outros diálogos e outras tensões diferentes dessas professoras, as quais exerciam simultaneamente diferentes papéis sociais como profissionais, mães, esposas, filhas etc.

O caminho de reflexão e descoberta do próprio corpo também conduziu as professoras a pensarem no corpo e na gestualidade das crianças, trazendo reverberações em sua prática docente, tema abordado no segundo **diálogo possível**. A professora Dani escreveu que, após a participação no curso, passou a imaginar propostas diferentes com as crianças, por exemplo: anteriormente, ela propunha somente alguns gestos na posição em pé; a partir dos aprendizados da formação, ela passou a sugerir às crianças experimentações corporais em outros níveis, como no baixo ou com as crianças sentadas (caderno de registro).

Outro tópico relacionado ao curso foi explanado pela professora Kelly, ao identificar que, para ela, o novo não estava relacionado a algo que ela não conhecia, mas sim a pensar de maneira diferente. Conforme ela relatou: *lá na creche eu sou a louca, porque eu faço tudo quanto é movimento, eu coloco as crianças para pular, para correr em volta da escola. Então é assim, é uma loucura, porque eu gosto, porque criança não tem que ficar sentada, parada. Então eu faço muita atividade de movimento. Quando a formadora começou a colocar as atividades, algumas eu já me identifiquei pois eu já fazia com as crianças, mas nada foi igual, muitas coisas eu já fazia e aí eu fui fazendo diferente (roda de conversa final).*

A noção de novidade pode estar relacionada à ideia de trazer à memória algo que já experimentou, que está esquecido. Para a professora Cristina, a formação

ajudou nesse sentido: *o curso abre um leque de ideias, por mais que tem coisa que você até sabe, mas vai parando de fazer, esquece; mas quando você retoma, muda tudo e fica visível* (roda de conversa final). Essa abertura para novas ideias está no cerne da proposta de GPT do GGU, a qual valoriza a constante exploração gestual, com ou sem materiais diversificados, a partir das experiências corporais das(os) praticantes.

Ficou evidente que, por meio das vivências de GPT, as professoras significaram as práticas corporais de diferentes formas, em consonância com o que explicitam Matsumoto e Ayoub (2016, p. 29):

[...] conceber as práticas corporais como “espaços abertos de ação”, significa compreendê-las na sua dimensão sócio-histórica, como lugares efetivos de atuação humana e, portanto, como práticas em contínuo processo de transformação. Sob essa ótica, defendemos um trabalho com a GG no qual os sujeitos participantes sejam convocados a agir e a produzir sentidos e significados outros para além daqueles que já estão dados.

Essas diversas significações foram observadas no decorrer de nossos encontros, foram escritas nos cadernos de registro e foram ditas na roda de conversa final, revelando que o processo formativo vivenciado com as professoras, tomando como referência a proposta de GPT do GGU, possibilitou que fôssemos elaborando compreensões outras acerca do gesto, do corpo e da GPT na creche.

PALAVRAS FINAIS

Em muitos momentos do processo de formação continuada pudemos conhecer e reconhecer a GPT. Essa compreensão vai ao encontro da afirmação de Freire (1993, p. 119): “É neste movimento dialético que ensinar e aprender vão se tornando conhecer e reconhecer. O educando vai conhecendo o ainda não conhecido e o educador, re-conhecendo o antes sabido”.

Ao revisitar os cadernos de registro das professoras e o diário de campo da pesquisadora, experimentamos o movimento de ver, ler e reler o que foi dito e de intuir o não dito, e pudemos perceber o quanto as professoras estavam ali por inteiro, na maior parte dos encontros, quantos conhecimentos e saberes foram compartilhados e produzidos e quantos laços foram estreitados. Os momentos destinados aos processos coletivos de criação permitiram que as professoras experimentassem a potência do trabalho colaborativo, aprendessem a respeitar as escolhas do grupo para apresentar e entender as diferenças dos corpos na realização das práticas.

Esse movimento mostrou-se muito potente, pois a cada apontamento das professoras foi possível reviver o curso e analisar como elas vivenciaram nossos

encontros, e como esses registros foram se tornando significativos na realização dessa formação com elas. De acordo com Nóvoa (2022, p. 61),

[...] aqueles que, como eu, acreditam no compromisso público com a educação e na metamorfose da escola, partem também de um diagnóstico crítico, mas para reforçar e valorizar as dimensões profissionais, seja na formação inicial e continuada, seja num exercício da docência que só se completa através de um trabalho coletivo com os outros professores. É nestas bases que assenta a minha proposta de renovação do campo da formação de professores.

O desejo de construir o curso **com** as professoras revelou um caminho dialógico a ser percorrido na formação continuada, valorizando o processo de ensino-aprendizado numa perspectiva ética. E nesse itinerário formativo, foi emocionante constatar que, mesmo diante das dificuldades, as professoras se permitiram tentar, descobriram diversas possibilidades ao vivenciarem os elementos gímnicos na GPT, dialogaram com o novo e, muitas vezes, momentos de cansaço, vergonha e incertezas foram desconstruídos com e por elas durante o processo.

Assim como as professoras, também passamos por tensões com o nosso corpo, por desconfortos devido à sobrecarga após um dia inteiro de trabalho, pela necessidade de justificar às(aos) familiares a ausência nos horários destinados à formação... enfim, reconhecemo-nos nas vozes das professoras em muitos momentos do vivido. Acreditamos, igualmente, que a

exploração sensível de cada pessoa na relação consigo mesma e com os outros também é conhecimento que se produz, que se inscreve em nós por meio de práticas corporais que podem ser pensadas como fontes de resistência e de emancipação. (ASSIS; AYOUB; CUNHA, 2022, p. 17)

E, do mesmo modo, sentimos que valeu muito a pena, o curso proporcionou novas vivências e reflexões que culminaram em significativas transformações. Tal como a professora Iara enfatizou: *este curso me surpreendeu bastante, pois pelo tema imaginei que iríamos ter que reproduzir as atividades na creche, e no decorrer do curso percebi que este era muito mais do que isto, era para que pudéssemos perceber o nosso corpo, senti-lo e explorá-lo de várias maneiras e com várias possibilidades e com materiais diversos* (caderno de registro).

De fato, foram surpreendentes nossos encontros e reconhecemos nas reflexões de Ayoub (2012, p. 278) experiências semelhantes às que vivenciamos:

Num encontro de linguagens (corporal, musical, escrita, poética...), em que a permeabilidade entre elas estilhaça limites, contornos – verbal e não verbal entrelaçados, atravessados –

fomos construindo modos de nos olhar e de olhar para a expressividade do gesto, em diferentes propostas e contextos: ora individualmente, ora coletivamente, ora descobrindo sonoridades com/no corpo, ora arriscando saltos e piruetas, ora transformando poesia em gesto, gesto em poesia, ora assistindo às criações de outrem, ora compondo com o outro, sínteses de um percurso trilhado, compartilhado, com-par-trilhado...

As vivências “com-par-trilhadas” no decorrer desse processo de formação possibilitaram conhecer e vivenciar a GPT, favorecendo a construção de novos olhares para a gestualidade, para conhecer o próprio corpo e para pensar em possibilidades para o desenvolvimento dessa prática corporal no contexto da creche. Almejamos que novas pesquisas envolvendo a GPT e a educação infantil sejam realizadas, a fim de que essa temática se fortaleça e alcance novos caminhos para além dos diálogos que trouxemos neste artigo.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

As autoras declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, como autoras, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Michelle Guidi Gargantini Presta – Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Eliana Ayoub - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final); Outros: orientadora do estudo.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Marília Del Ponte de. *Corpo e práticas corporais na formação em pedagogia: narrativas de docentes das universidades públicas paulistas*. 2019. 165f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1088530>. Acesso em: 09 set. 2022.
- ASSIS, Marília Del Ponte de; AYOUB, Eliana; CUNHA, Antônio Camilo Teles Nascimento. Corpo, práticas corporais e o fazer sensível na formação em pedagogia: narrativas de docentes das universidades públicas paulistas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, p. 1-21, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469826172>. Acesso em: 09 set. 2022.
- AYOUB, Eliana. *Ginástica Geral e educação física escolar*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- AYOUB, Eliana. Ginástica Geral na formação em Pedagogia. In: PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.). *Ginástica Geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008. p. 37-54.
- AYOUB, Eliana. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. *Leitura: Teoria & Prática*, Associação de Leitura do Brasil, Campinas, n. 58, p. 274-283, jun. 2012. Suplemento.
- AYOUB, Eliana. *Memórias da educação física na escola: cartas de professoras*. Campinas: Pontes Editores, 2021. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=110907&opt=1>. Acesso em: 09 set. 2022.
- CAMPOS, Patrícia Regina Infanger. *Ensinar e aprender: coordenação pedagógica e formação docente*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as interações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. (Orgs.). *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 165-198.
- MATSUMOTO, Marina Hisa; AYOUB, Eliana. Ginástica Geral na escola: uma proposta para todos. In: MIRANDA, Rita de Cássia F.; EHRENBERG, Mônica C.; BRATIFISCHE, Sandra A. (Orgs.). *Temas emergentes em ginástica para todos*. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. p. 103-122.

NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa, Portugal: Educa/Instituto de Educação/Universidade de Lisboa, 2009.

NÓVOA, António. *Escolas e Professores: proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. *Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PRESTA, Michelle Guidi Gargantini. *A ginástica para todos(as) na formação continuada de professoras de creche: diálogos possíveis*. 2022. 161f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1248135>. Acesso em: 09 set. 2022.

PRESTA, Michelle Guidi Gargantini; AYOUB, Eliana. Formação continuada em ginástica para todos(as) diálogos com professoras de creche. *Revista Didática Sistemática*, v. 24, p. 70-82, set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/13898>. Acesso em: 09 set. 2022.

TOLEDO, Eliana de. A promoção da autonomia na Ginástica Geral: estudos, experiências e reflexões. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 4., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: Faculdade de Educação Física/UNICAMP, 2007. v. 1, p. 111-114. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2022/arquivos/anais/04-forum-internacional-de-ginastica-geral-2007.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

Recebido em: 10 set. 2022
Aprovado em: 14 dez. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

